



Luiz Carlos Sá

Buzum Brasil

O ônibus dos sonhos

Nas décadas de 70 e 80 – e até princípios dos 90 – o estilo das bandas-viajantes era outro. Com as passagens de avião a preços condizentes com a altitude deles e a inexistência de aeroportos que dessem conta do recado nas cidades do interior, viajávamos muito de ônibus. Alguns chegavam até a comprar e customizar os seus, instalando banheiros com chuveiro, salas de estar, camas de casal... O primeiro desses que vi foi o do Manoel Poladian, conhecido empresário de shows. Tinha um belo layout: era preto, ilustrado com enormes anjos azuis tocando suas liras. Problema: chamava muito a atenção aonde quer que passasse. E como artistas, ou pelo menos muitos deles, adoram privacidade, o buzum dos querubins dançou. No final da década só as equipes técnicas viajavam nele.

Nós nos divertíamos muito nessas viagens! Gostávamos também de fretar ônibus diferentes de vez em quando. Quanto maior, melhor. O problema dos grandões era entrar em cidades pequenas: ora tínhamos que manobrar para fazer curva, ora quase derrubávamos o muro de alguém e – o mais engraçado – às vezes o ônibus prendia o chão ao passar por valetas ou lombadas em ladeiras e ficava ali, engastalhado como uma gigantesca tartaruga na escada. Enquanto o problema era resolvido, a gente saltava e tomava umas cervejas que tirávamos da geladeira, sempre lotada delas. Não raro, levávamos as famílias: filho, mulher, cachorro, papagaio, para desespero de alguns produtores que – com razão – achavam isso pouco profissional e alegria de outros que, também com razão, levavam os seus. Em um ônibus leito (só fretávamos leito) de trinta lugares, quinze eram da equipe e os outros quinze ficavam para as famílias. Mulheres discutindo, filhos brincando, a gente tocando, tudo isso era uma zorra feliz, comprovada hoje pelo testemunho dos nossos pequenos já crescidos que têm

as melhores recordações desses barracos itinerantes. Pouco profissional, nota dois. Muito divertido, nota dez. Média seis. Passamos.

Os ônibus, com suas demoras e o confinamento obrigatório, criavam também grandes amizades entre nós e as bandas. Passávamos juntos pelas dores e delícias de viajar assim. Intermináveis partidas de pôquer ou dados noite afora, ensaios improvisados em um espaço crítico, conversas e desabafos nos bancos do fundo, tudo isso dava o tempero e a liga para que músicos e canários chegassem à cidade seguinte tocando realmente juntos; os problemas já tinham sido resolvidos no ônibus. Artistas viajando com a equipe técnica? Pouco profissional, nota dois. Dá liga no grupo? Nota dez. Média seis. Passamos de novo.

Então, posso me lembrar daquela vez em que viajamos de Dourados para Campo Grande, onde tomaríamos um avião para Cuiabá. O ônibus quebrou. Ficamos na estrada sem saber o que fazer, já que o show de Cuiabá era naquela noite e o único vôo disponível sairia de Campo Grande dali a duas horas. Um Escort parou e ofereceu carona para três. Fomos eu, Guarabyra e o empresário para fazer a linha de frente e dizer o famoso “pois é...” em Cuiabá. Chegamos ao aeroporto de Campo Grande, embarcamos e então... qual não foi a nossa surpresa, quando, na hora exata de fechar a porta do avião, chega nossa equipe toda, esbaforida. O show estava salvo: eles pegaram carona em um ônibus colegial, que levava um coral infantil chefiado por quatro freiras para uma exibição em Cuiabá. Fiquei admirado com a coragem das freiras de pararem para aquele monte de cabeludos e carregaram em seu ônibus todo o material da equipe. Deus é grande, tem um ônibus espaçoso e gosta de música.

De outra vez, saindo de um show em Barbacena rumo a Pouso Alegre, fomos parados pelos federais. Ao saberem que o ônibus levava músicos, eles puseram imediatamente

seus cachorros farejadores para funcionar. Um fox-terrier paulistinha, extremamente nervoso, entrou pelo ônibus cheirando tudo o que tinha pela frente.

– Está na cara que esse cachorro é viciado! – falou o baixista incomodado pela histeria do cãozinho, que agia como se estivesse possuído por uma pomba-gira. O federal olhou fixamente para ele e negou o óbvio com mentirosa veemência. O paulistinha doidão subiu pelo colo do nosso tecladista e lambeu a boca dele:

– Cachorrinho bonitinho... – gemeu o maestro, limpando os lábios e acariciando inutilmente a irrequieta cabecinha do possesso. Nosso empresário pegou a oportunidade à unha e subiu nas tamancas:

– Pombas, que nojo! Isso não pode não! Vai contaminar o cara!

– É, é! – clamamos todos.

O federal, diante do protesto generalizado e da crescente exacerbação do paulistinha, deu-se enfim por satisfeito e saiu do ônibus, seguido por um suspiro unísono de alívio. O motorista fechou a porta e acelerou. Por baixo da minha janela passou o federal, com o cachorrinho frenético no colo. Olhei pra ele, ele olhou pra mim. E, enquanto o ônibus se distanciava lentamente, ele coçou a cabeça do seu melhor amigo e gritou:

– Mas que aí tem, tem!

Durante um tempo andamos em um ônibus do Sergio Reis, que acabara de comprar um Cessna King Air e não queria mais saber de chão. Vendendo o buzum, Serjão o emprestou para que nós o experimentássemos. Com um dono próximo dos dois metros de altura, o ônibus do Sérgio era bem espaçoso, tendo inclusive uma hilária cadeira de massagens bem no centro do salão. Ligada e aliada ao movimento do ônibus, a cadeira dava a quem sentasse nela uma experiência próxima do psicodélico... Nos momentos difíceis, nós nos revezávamos nela e nos esquecíamos dos problemas da vida. Ficamos bem propensos a comprar o buzum do Serjão, até que, em uma viagem de Floripa a Criciúma, ele nos deixou na mão de vez, batendo biela. Mas os momentos na cadeira-massagista foram realmente inesquecíveis!

Enfim, foi-se o tempo romântico desse tipo de aventura. Hoje a correria da vida, o profissionalismo exigente e o barateamento das passagens fazem do avião uma ferramenta profissional indispensável, salvo casos fortuitos. E o Buzum-Brasil ficou na memória. Por isso vibrei quando há algum tempo recebemos a notícia de que faríamos um show no litoral fluminense, descendo no Santos Dumont e seguindo de ônibus até o destino. Chegando ao aeroporto, ficamos fascinados pelo luxuoso três-andares-cheio-de-tecnologia que nos esperava. DVD, ar-condicionado localizado, wi-fi (ou quase isso...), pára-brisa panorâmico no andar de cima. Para começo de conversa, quando subi lá no último e sentei na primeira fileira fiquei com medo de bater em um helicóptero. Guarabyra e Rodrix gostaram de viajar por ali. Já eu, desci, chamei nosso roadie, o Jaziel, e fui lá para o térreo-térreo, onde a estrada parece beijar nossas canelas. Saquei do baralho, sentei no sofá duplo que fica de cara com o amigo, separado por uma mesinha feita para o jogo, e falei:

– Jazuca, meu amigo, tudo será como antes: pôquer ou vinte-e-um?

O ÔNIBUS DOS SONHOS

(Sá & Guarabyra)

Quando será que você vai voltar pra ver passar

O ônibus dos sonhos sob nossas janelas

Será que alguém vai ter coragem de saltar

Pra ver de perto os meus olhos e os seus

Será que alguém vai ter coragem de desafiar os deuses

Nessa terra de ateus?

Ele passa estranhamente acordado

Seu destino pregado na testa

Passa por qualquer lugar que te possa curar

Pelo hospital, pelo aeroporto, pelo bar

Mas a doença se espalha por um movimento continental

E até hoje apenas atravessar a rua já faz mal

O que será que ameaça aquele pedestre em especial?

O perigo é monumental nessa terra desanimal

Por onde passa o ônibus dos sonhos...

(Copyright Universal Music/Irmãos Vitale)

